



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia comemorativa ao 20º aniversário da Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos (CNTM)

Brasília-DF, 21 de agosto de 2008

Meu querido companheiro Lupi, ministro do Trabalho e Emprego,
Meu caro companheiro deputado Magrão, presidente da Federação dos Metalúrgicos de São Paulo,

Meu caro companheiro Eleno, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores Metalúrgicos,

Meu caro companheiro Antônio Fernando dos Santos Neto, da Central Geral dos Trabalhadores do Brasil,

Meu caro companheiro Grana, presidente da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT,

Meu caro companheiro Paulo Pereira, da Força Sindical, e deputado federal,

Meu caro companheiro Medeiros,

Meus caros companheiros e companheiras dirigentes sindicais,

Meu caro Hargreaves, ex-ministro do governo Itamar Franco,

Meu companheiro... Estou vendo aqui o Jorge (inaudível) Neto, para os mineiros o tempo não passa,

Estou vendo aqui companheiros da velha e da média guarda,

Nossa querida presidente da Suframa, que está aqui.

Na verdade, eu não vou ler o discurso. O discurso é só se eu esquecer alguma coisa. Primeiro, a minha alegria de poder estar dirigindo umas palavras a vocês, como presidente da República.

Eu passei muito tempo no movimento sindical e trago na minha



bagagem de dirigente sindical a certeza de que construí muito mais amizades no movimento sindical do que inimizades. Naquele tempo, a gente não discutia muito se tinha dirigente sindical conservador ou não conservador, eu era amigo de todos, porque a amizade é uma coisa que eu prezo profundamente. Eu acho que a única coisa que a gente carrega com a gente é a relação de amizade que a gente fez.

Eu nunca me importei se alguém acusasse alguém de ser mais conservador, de ser mais esquerdista, não era essa a minha relação. A minha relação é uma coisa um pouco química: se eu olhar na cara da pessoa e gostar, ela será minha amiga, independentemente de qualquer coisa. E também nunca aceitei que alguém fizesse com que eu tivesse, antecipadamente, preconceito contra alguém: “Não vai conversar com fulano, porque ele não presta”. Isso, para mim, não vale. Pode não prestar para você, eu não conheço, então vou conversar para saber se presta para mim.

Isso me permitiu construir uma relação de amizade no movimento sindical, por todas as correntes do movimento sindical, quando eu era apenas presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, quando eu era presidente do PT e agora, como presidente da República. Não há nenhum companheiro que possa dizer que em algum momento houve qualquer discriminação minha na relação com os dirigentes sindicais brasileiros, antes, durante, e tenho certeza que depois.

Sempre, também, houve uma recíproca. Também os companheiros dirigentes sindicais das mais diferentes correntes sempre me trataram com carinho e com respeito, mesmo em momento de divergências. Por exemplo, quando queria fundar o PT, o Arnaldo Gonçalves era contra, porque naquela época ele estava muito engajado no Partidão, e ele achava que o Partidão era o Partido dos Trabalhadores. Mas nós nunca deixamos de ser amigos, nunca deixamos de conversar, de fazer as coisas juntos. Eu não consigo levar para a minha relação pessoal as divergências políticas. E eu acho que isso me fez me



sentir bem no meio dos dirigentes sindicais.

A segunda coisa, companheiros, é que nós estamos num processo de construção deste país. Sempre fico lisonjeado com os elogios. Eu tenho a nítida e a exata noção dos avanços que nós estamos tendo, mas também tenho a nítida e a exata noção de quanto nós ainda precisamos avançar para conquistar – se é que um dia os trabalhadores podem conquistar isso – a plenitude de uma relação de trabalho, em que as pessoas sejam respeitadas na sua integridade e na sua dignidade. Não é uma coisa fácil, e não me digam que tem regime político que resolve isso, que não resolve. É só andar pelo mundo, e eu andei muito, que a gente percebe que essa relação é complicada em qualquer regime político. Entretanto, as conquistas que nós já obtivemos ganham uma dimensão infinitamente maior porque nós somos uma geração de dirigentes sindicais de duas décadas perdidas.

Eu entrei no movimento sindical em 1969 como delegado de base lá na Villares, em São Bernardo, fui para a diretoria do Sindicato em 1972, para a executiva, e assumi a presidência do Sindicato em 1975. A minha geração não conheceu aumento real de salário, não conheceu momentos tão importantes, como o da criação de empregos, como nós estamos vendo hoje. A minha geração, e certamente a geração do Medeiros, era a geração que ia para a porta de fábrica chorar o número de desempregados que eram mandados embora todo dia. A nossa geração, e a do Arnaldo também, era a que reivindicava 80% de aumento de salário e voltava a trabalhar por 50% achando que era uma vitória. Depois de muitos dias de greve, depois de chegar de uma audiência no Tribunal Regional do Trabalho, e muitas vezes o juiz achava que a nossa pauta de reivindicação era comunista. Muitas vezes, a briga entre aqueles que concordavam – no meu caso, com a Federação dos Metalúrgicos de São Paulo... os que não concordavam eram tratados dentro do Tribunal como se fossem (inaudível).

Eu me lembro - e aqui possivelmente só tenha, daquela época, o Jorge



(inaudível) Neto e o Arnaldo – que em 1976 eu entrei com uma ação que foi julgada no Tribunal Superior do Trabalho, dizendo que a Federação não me representava. E por que eu dizia isso? Porque nós fazíamos uma pauta de reivindicação da categoria, convocava-se uma reunião de todos os sindicatos membros, e lá naquela reunião de dirigentes sindicais eles queriam mudar a minha pauta de reivindicação que tinha sido aprovada na assembléia. Eu não admitia, eu achava que a Federação deveria representar cada um, com a sua pauta de reivindicação, e brigar por todos. Até porque eu era de uma categoria mais avançada, do ponto de vista econômico, do ponto de vista da formação profissional. Enquanto alguns estavam reivindicando envelope de pagamento, naquele tempo, nós estávamos reivindicando melhoria na qualidade da alimentação, ônibus com ar-condicionado. Então, a gente não aceitava. Perdia (Inaudível). Quem não se lembra, aqui, do nosso saudoso amigo, com quem eu tive tantas divergências, mas também muito carinho, o advogado Sebastião de Paula Coelho. Ele muitas vezes ficava na briga, do lado da Federação, e eu contratava o Almir Pazzianotto, que tinha sido mandado embora da Federação porque tinha sido advogado do Marcelo Gato, que era tido como comunista do Sindicato de Santos. O Almir era meu advogado e o Coelho era advogado da Federação. E eu me lembro que nós viemos ganhar aqui uma coisa simples, Jorginho: (inaudível) quem representa os trabalhadores é o Sindicato.

Hoje, vendo vocês juntos aqui, eu acompanho o trabalho que vocês têm feito, eu ainda sonho que não seremos cinco ou seis centrais no Brasil, ainda sonho que nós vamos diminuir. Mas isso também não tem decreto lei, não tem portaria, nem medida provisória, isso é um processo. É um processo de aprendizado, é um processo de amadurecimento da consciência política do povo, que vai levando a gente a entender que nós estamos no mesmo barco, e se ele afundar, não há quem escape sozinho.

Então, essas coisas do passado que eu e outros companheiros vivemos, é possível contá-las ainda hoje, e em muitos lugares elas ainda persistem. O



Paulinho disse uma coisa importante, às vezes nós fazemos reunião dentro do Palácio do Planalto, e se tem muitas centrais e elas não se entendem, fica muito difícil querer que o presidente da República opte por uma. A questão dos trabalhadores rurais, se a Contag, a Fetraf e os Sem Terra não se entenderem, não sou eu que vou fazer a opção de tomar uma atitude e beneficiar uma, contra as outras. Eles que se entendam e me tragam uma proposta unificada, para que a gente possa bancar. A questão do Estatuto da Igualdade Racial, que está para ser votado no Congresso Nacional, eu disse na Conferência Nacional da Igualdade Racial que não adianta ficarem três ou quatro correntes do movimento negro, cada uma achando que a sua tese é a verdadeira, porque nem o Congresso votará e nem eu tomarei partido. Ou eles se juntam, aprendem a conversar, conciliam e escolhem uma coisa que pode unificá-los - e aí facilita para ser aprovado na Câmara, facilita para o governo apoiar - ou vão ficar sem o Estatuto.

Eu penso que vocês aprenderam rapidamente, muito rapidamente que juntos nós seremos infinitamente mais fortes. Divididos, qualquer um tira proveito da divisão para fragilizar o movimento sindical, no Brasil e em qualquer lugar do mundo.

Terceira coisa, meus companheiros, Eleno, não existe a prática de governantes receberem dirigentes sindicais, no mundo. Eu participei do G-8 agora, e participo todo ano porque já vi que ficou chique participar do G-8, mas você pega aqueles presidentes e nenhum deles nunca se reuniu com os dirigentes sindicais do seu país. Eu me reúno mais com os dirigentes sindicais deles do que eles. Por exemplo, se você perguntar se o presidente Bush já recebeu alguma vez os dirigentes sindicais, ele nunca recebeu. E toda vez que eu vou a Nova Iorque, eu me reúno com os sindicalistas americanos. Com os franceses é a mesma coisa, com os italianos, com os alemães, porque foi uma relação construída ao longo de 30 anos. Eu me lembro que a Confederação Nacional dos Trabalhadores da África do Sul pediu para ter uma reunião



comigo para se queixar de que o presidente da África do Sul não conversava com eles. Então, eu fui lá pedir ao presidente Mbeki, que é meu companheiro, para receber a Cosatu, que os companheiros só querem ajudar. Qual é o problema de um dirigente político que assume um cargo importante? É que aquilo que antigamente parecia suave aos seus ouvidos, fazendo críticas a quem estava no governo, passa a ser ofensivo quando você é o governo. As mesmas palavras que soam nos seus ouvidos quando é você que está falando, soam diferente quando é você que está ouvindo.

Eu sempre disse para os dirigentes sindicais: não tenham medo de reivindicar coisas para mim. Tem duas coisas: ou você pode dar ou não dar; ou você pode negociar ou não pode. Eu me comporto aqui como, tenho certeza, a maioria de vocês se comporta dentro do Sindicato. Não adianta vocês quererem que eu dê mais do que possa dar. Cada um de vocês é um pequeno governo dentro do Sindicato de vocês, e às vezes os funcionários não estão ganhando tão bem quanto vocês pensam que ganham. Muitas vezes, vocês não podem dar para os funcionários de vocês o que vocês acham que eu posso dar.

Como eu vivo essa realidade na carne e essa coisa permeia o meu sangue, eu não tenho nenhum problema em que qualquer companheiro faça qualquer reivindicação, a qualquer hora. Primeiro, porque não existe reivindicação proibida. Segundo, porque não existe reivindicação que não possa ser atendida, total ou parcialmente. Terceiro, se não der para atender, nós temos que dizer que não dá para atender, porque nós também temos limites. Como seres humanos, como administradores, todo mundo tem limite: pode dar ou não pode.

Essa é uma relação que eu quero manter com o movimento sindical, da mais alta cordialidade. Eu posso não ser muita coisa quando deixar a Presidência, mas certamente eu serei o presidente da República que passou para a história como aquele que mais teve relação com o movimento sindical,



sem perguntar a que central pertencia, para que time torcia, a que partido era filiado, ou se tinha votado em mim ou não. Nunca perguntei e nunca vou perguntar. Vocês serão sempre tratados com a deferência que a representatividade de vocês merece que eu os trate. No dia em que não merecer, com a mesma franqueza eu direi a vocês, não tenham dúvida disso.

O que eu acho importante neste momento que estamos vivendo? Falar de números de melhoria da situação do salário, do salário mínimo, da quantidade de empregos, seria repetir o que todos vocês têm discutido nas assembleias, têm publicado nos jornais de vocês. Mas é importante a gente pensar um pouco no que está previsto para nós nos próximos anos. Certamente, os companheiros que participam do Conselho de Desenvolvimento Econômico, no dia 28 nós vamos fazer um debate sobre a fotografia que nós queremos para este país até 2012 ou para os próximos anos. Vocês sabem que durante os últimos 23 anos nós tivemos momentos de muitos dissabores no movimento operário deste país e com os deserdados deste país. Eu diria que os prejuízos foram incontáveis. Eu diria mais, eu diria que esses milhões de jovens, que estavam deserdados esses dias - muitas vezes a gente vê um jovem sendo preso, com 20 anos, e a gente sentado no sofá assistindo, já o chama, de pronto, de ladrão, achando que ele é culpado por ser daquele jeito, sem levar em conta que essa molecada que caiu na criminalidade é o resultado da irresponsabilidade da qual foi vítima na sua infância, na sua adolescência e depois que ficou adulta. Das políticas econômicas que geraram desemprego, que geraram inflação de 80% ao mês, que jogaram milhões de jovens no desemprego, ninguém é culpado. O culpado é a vítima.

Eu tenho uma definição, por isso criamos o PAC. Eu recebi ontem, Lupi, uma notícia boa do ministro Pimentel. De 2 milhões e 600 mil trabalhadores com carteira assinada, em 2006, e uma parte em 2007, 21% são jovens de até 19 anos. E pasmem, que coisa importante: 42% são de jovens de 50 a 69



anos. Vejam que está havendo uma combinação, eu diria, quase perfeita. Eu também sou da geração do movimento sindical em que a gente dizia sempre: “o coitado, com 40 anos, já é considerado velho; o coitado, com 50 anos não arruma mais emprego”, nós somos dessa geração. E por que as empresas estão contratando hoje? Como o País passou 20 anos só desempregando, e agora ele já está há alguns anos só contratando, falta mão-de-obra qualificada.

E o que as empresas estão fazendo? Estão procurando aqueles que 15 anos atrás não tinham chance de trabalhar, porque eram velhos, para que possam adentrar o mercado de trabalho e exercer sua função. Esse é um dado, para mim, extraordinário, porque significa que quando a economia cresce – e ela cresce em todos os setores da sociedade de uma única vez, seja na construção civil, no setor têxtil, no comércio, na metalurgia – você começa a dar chance a todas as pessoas e a todos os segmentos. De vez em quando aparecem empresários e falam: “Presidente, está faltando engenheiro, está faltando engenheiro mecânico, civil, está faltando azulejista”, e eu falo que esse é um bom problema. Significa que agora a gente vai ter que formar, porque tem mercado para trabalhar. Antes não tinha mercado, não se formava, e era comum ver advogado vendendo água de coco na praia de Santos, ver engenheiro indo trabalhar em outros países. Hoje nós estamos contratando gente do Uruguai, da Argentina, porque está escassa a formação de mão-de-obra altamente qualificada neste país. Por quê? Porque não se pensou nisso nos últimos 22 anos. Vinte e dois anos é uma geração, é ver o filho da gente nascer e ficar com 20 anos sem ter oportunidade de trabalhar. Então, eu penso que esse é um problema que nós estamos resolvendo. Estamos resolvendo com formação profissional, com o ProJovem – o ProJovem Trabalhador, o ProJovem Campo –, estamos criando as condições para que possamos jogar no mundo do trabalho os milhões de jovens que passaram parte da sua vida esperando uma oportunidade.

Ontem, Lupi, eu fui a Quixadá, no Ceará, inaugurar uma fábrica de



biodiesel da Petrobras, a fábrica de biodiesel mais moderna do mundo, só a Petrobras poderia fazer. É uma fábrica em que se mistura óleo velho de cozinha – que era para ser jogado fora; depois de fritar o 15º bife tem que trocar o óleo, senão ele fica com gosto de óleo diesel – sebo dos frigoríficos, mamona, girassol, dendê. Você pode misturar tudo isso e jogar na usina, que vai sair na ponta um biodiesel de primeiríssima qualidade. No começo do programa, não podia misturar: era óleo de soja para um lado, óleo de mamona para o outro, óleo de dendê para o outro. Agora, não, agora pode misturar tudo. É a segunda que eu inauguro, e vou inaugurar a terceira em Montes Claros, Minas Gerais.

O que acontece com uma usina de biodiesel que vai produzir 57 milhões de litros de óleo por ano? No mínimo ela vai envolver 22 mil famílias agrícolas produzindo para ela. É uma coisa extraordinária, e vamos ter que produzir mais uma na Paraíba, uma no Rio Grande do Norte, uma em Sergipe, mais uma na Bahia, sem a preocupação de que haverá incompatibilidade entre a produção de alimentos e a produção de biocombustíveis.

Para resolver o problema dos alimentos, nós lançamos o programa Mais Alimentos, que vai financiar 25 bilhões de reais, pelo BNDES, para a agricultura familiar até 2010, para financiar 60 mil tratores e 300 máquinas, que nós chamamos de implementos agrícolas. Por que nós fizemos isso? Porque eu também acho que o problema não é mais só discutir se vai assentar mais ou menos famílias.

No governo passado, em oito anos, foram desapropriados 18 milhões de hectares de terras. É terra para caramba. Nós, em seis anos, desapropriamos 38 milhões de hectares, assentamos 501 mil famílias. Eu descobri que não adianta apenas assentar, é preciso assentar e não permitir que as pessoas continuem tão pobres como estavam antes, pois elas deixam de ser marginais na cidade e vão ser marginais no campo. Então, nós precisamos levar tecnologia e assistência técnica para que esse cidadão no campo possa dobrar



a produção, para acabar com esse conceito que muitas vezes nós, da esquerda, tínhamos, de que era preciso produzir a cultura de subsistência: o cidadão ter a terrinha e produzir a mandioquinha, a macaxeira, o milho só para comer.

Na verdade, nós queremos que ele plante, coma e venda muito para que aprenda a ganhar dinheiro, a ter acesso a bens materiais. Ele quer ter uma televisão, uma geladeira, um ar condicionado, uma motocicleta. Se for só na cultura de subsistência, ele não vai sobreviver. Jorginho, as indústrias de tratores deste país... fizemos um acordo com a Anfavea e vão reduzir 20% no preço dos tratores. Portanto, meu caro, vamos vender mais tratores do que já foi vendido em qualquer outro momento da história deste país.

A indústria vai crescer, porque é um conjunto. Vocês estão lembrados do que acontecia na construção civil neste país. Acho que tem alguém da construção civil aqui. Está acontecendo uma revolução neste país. Eu duvido que algum de vocês já tenha visto a quantidade de obras na cidade em que mora, como está vendo nesses últimos anos, e vai ver no ano que vem quando o PAC tiver sido implantado na sua totalidade.

Hoje nós temos, Paulinho, obras financiadas com o dinheiro do governo federal em todas as capitais brasileiras e em 5 mil e 200 dos quase 5 mil e 600 municípios brasileiros. O Estado adquiriu essa possibilidade de fazer investimentos. Possivelmente os outros não tiveram a mesma sorte que eu tive, porque o FMI andava com uma espada na cabeça de todo mundo. Era o FMI que dizia a política monetária que tinha que fazer.

Fui agora ao Congo. O presidente do Congo queria fazer uma estrada, o FMI foi lá e não deixou porque tem medo que, se ele gastar dinheiro com a estrada, não vá sobrar dinheiro para garantir o pagamento da dívida. Graças a Deus, com a ajuda de vocês e do povo brasileiro, nós não precisamos de nada disso. Mandamos o FMI embora e hoje temos 205 bilhões de dólares de reservas neste país.



Ainda temos que fazer muitas coisas. Temos que aperfeiçoar o nosso sistema democrático, fazendo a reforma política. Não é possível que não se entenda que é preciso fazer a reforma política neste país para dar maior representatividade aos partidos políticos e para que as pessoas tenham, efetivamente, a valorização do partido. Senão a gente não resolve o problema. Que a gente tenha um fundo eleitoral financiado, público, para evitar que os deputados e os vereadores fiquem na mão dos empresários. pedindo dinheiro para campanha, e depois fiquem dependendo do mandato. Tudo isso vai acontecer.

Nós estamos com um projeto de política de reforma tributária dentro do Congresso Nacional, para ser votado com uma certa urgência. Estamos criando um fundo garantidor para poder ter mais liberdade, inclusive para investir em empresas brasileiras, para comprar empresas de outros países. É importante que o Brasil tenha empresas multinacionais, é muito importante. Certamente, nós só iremos fazer isso se compreendermos que estamos no mesmo barco.

A nossa querida dona, em termos, da Zona Franca de Manaus, que está aqui, é testemunha... não sei se em algum momento ela vai falar para vocês. Quando nós tomamos posse, a Zona Franca tinha apenas 50 mil trabalhadores, e hoje já temos 120 mil trabalhadores na Zona Franca de Manaus.

Essas coisas todas vão acontecer e vão acontecer muitas mais, podem ficar certos. A indústria naval brasileira está recuperada, mas é preciso fazer muito mais. Nós temos condições de voltar a ser uma grande indústria naval no mundo, já fomos a segunda na década de 70. Só a Petrobras tem encomendas de 200 navios, 38 sondas e dezenas de plataformas que podem gerar milhares e milhares de empregos, e milhões e milhões de salários que queremos gerar neste país.

Dizem que eu tenho muita sorte, e graças a Deus eu tenho sorte.



Imaginem se a Seleção brasileira feminina tivesse tido sorte hoje. Jogamos melhor o tempo inteiro, demos um banho, mas tivemos azar: as americanas chutaram a bola e marcaram o gol. Então, como eu sou um homem de sorte, nós encontramos petróleo a seis mil metros de profundidade. Tem muita gente ouriçada: “O que vai acontecer com o petróleo? O governo quer não sei das quantas”. O governo não quer nada. O governo quer o seguinte: esse petróleo é do povo brasileiro. Esse petróleo não é da Petrobras, não é do Lula, não é de nenhum estado. Esse petróleo é de 190 milhões de brasileiros, e nós vamos fazer valer a idéia de que ele é nosso.

Daí porque eu disse que nós temos que utilizar esse petróleo para resolver um problema crônico de investimento na educação do nosso povo, para tirá-lo do atraso de 50 anos a que foi submetido. Ao mesmo tempo, utilizar uma parte desse dinheiro para resolver o problema dos miseráveis deste país, das pessoas que ainda não conquistaram sua cidadania. Já começou a melhorar.

Vocês sabem que eu fico feliz quando vejo o IBGE dizer: “cresce a classe média, cresce o salário, sindicalistas reajustam acima da inflação”. Tudo isso é o que eu sempre quis fazer como sindicalista e nunca consegui. Apanhava mais da polícia, o governo se metia muito nas greves. Hoje o governo não dá palpite. Querem fazer greve, façam. Eu passo aqui às vezes e os funcionários públicos estão me xingando. Pois bem, companheiros, xinguem-me, porque o direito de xingar foi uma conquista democrática deste país.

Tem os sindicalistas que pedem, e quando você atende eles não querem, porque acham que foram enganados. Tem também os covardes. O dirigente sindical covarde é aquele que tem coragem de subir no caminhão e decretar uma greve, e não tem coragem de acabar com a greve. É muito mais fácil blasfemar contra os outros do que assumir a sua responsabilidade.

Aqui, não. Essa turma que está aqui, todos que eu conheço, com a



mesma coragem com que decretam uma greve, no dia seguinte falam: “Companheiros, vamos voltar a trabalhar”. E voltam a trabalhar, às vezes até sendo xingados pelos trabalhadores, como eu voltei em 1979. Em 1979, eu terminei a greve sendo chamado de traidor. Eu dizia: estou fazendo isso porque acho que é o melhor para vocês. Demorou um ano para os trabalhadores compreenderem que estávamos certos.

Em 1980 eles me diziam: “nós agüentamos greve por dois anos, três meses, oito meses. Se o Sindicato deixar, a gente faz greve (inaudível)”. Então vocês vão fazer. Eu estava preso. O pessoal falava: “Lula, você tem que sair da cadeia (inaudível). Você precisa ver, nós precisamos acertar, a gente precisa conversar com o governo, você tem que deixar a cadeia para parar com a greve”. Eu falava: não, se depender de mim, eu fico preso oito meses e essa greve vai durar oito meses.

O que aconteceu? Quando chegou no 23º dia, as empresas começaram a mandar carta de abandono de emprego. Todo mundo sabe que quem vive de salário tem conta de luz para pagar, tem leite para comprar, tem aluguel. Não é isso? Aí, quando chega nessa hora, a bravata vai encolhendo e a razão vai crescendo. O cara fala: “Puxa vida, eu não era tão brabo quanto eu pensava, eu não tinha tanta força”. Os advogados iam lá: “Lula, pede para parar”. Não peço, agora vamos até o final. Conclusão: ficamos 41 dias, Jorginho. O que aconteceu? Foi a maior lição de sociologia política que aquela peãozada teve, porque todos me encontravam e falavam: “Puxa, Lula, você tinha razão em 1979. A gente não pode tudo, como pensava que podia”.

O dado concreto é esse... a vida prática... Eu vou contar esse último caso, para ir embora. O Grana se lembra de uma empresa (inaudível) chamada (inaudível). Estava em greve há 29 dias. O Vicentinho, aperreado. Quando a coisa começa a dar errado, o pessoal fica aperreado. Querem ver um dirigente sindical começar a perder o discurso, é o patrão não querer conversar com ele. Aí passa um dia, dois dias, 10, 15 dias, e ninguém conversa. Não tem mais o



que falar na assembléia, não tem mais promessas. O cara fica pedindo a Deus para ter uma janelinha para conversar.

Chamaram-me em (inaudível) São Bernardo, fui a um hotel e a negociação estava lá: essa empresa, os companheiros do Dieese e o advogado. Discurso, discurso e nada. O patrão era um alemão que eu tinha conhecido porque tinha sido ferramenteiro na Karmann ghia. E não negocia, não negocia... O pessoal me explicou a pauta de reivindicação, e eu pedi um tempo na reunião. Aí, Grana, fizemos um estudo.

O pessoal estava reivindicando 10% de aumento de salário. Isso era mais ou menos no mês de setembro. A data-base era em abril. Isso significa que eles tinham sete meses para ganhar o aumento de salário. A média de salário daquela época era de 450 reais. Vamos arredondar para 500. Então, significa que o companheiro estava reivindicando 10%, e ia receber 50 reais de setembro a abril, quando vencia a data-base.

Em sete meses, ele ia receber quanto? Trezentos e cinquenta reais, mais o 13º salário, mais 50 reais, dava 400 reais. Acontece que ele já tinha perdido 30 dias, então já tinha perdido o salário. Ele já tinha perdido as férias, parte do 13º salário e o Fundo de Garantia. Ele estava perdendo, na verdade, quase 800 reais, para conquistar 350. Eu falei: Vicentinho, a coisa mais inteligente que a gente tem que fazer é convencer esses trabalhadores que, se o empresário resolver não pagar os dias, eles vão ter (menos) do que os 10% que estão reivindicando.

Fomos para a assembléia às cinco horas da tarde. Mas é duro. Eu sempre marquei assembléia pela manhã. Não sei por que você marcava à tarde. Assembléia à noite, meu filho, lá naquela rua do Carmo, na rua João Bastos, em São Bernardo, era um inferno. O companheiro chega às cinco horas da tarde, a assembléia vai começar às dez, um cara oferece uma cerveja, o outro oferece uma caninha, e os companheiros vão esquentando o clima. Aí, meu caro, quando você chega à assembléia, está todo mundo... O



Guevara, perto deles, não é nada.

Eu fui às cinco horas da tarde. Com todo cuidado, eu falei: Vicentinho, tem que comunicar o pessoal com cuidado. Quando o Vicentinho abriu a boca para dizer “companheiros, nós estamos pensando...”, a peãozada: “Não. Aqui não vai ter traição. Não pode”. Eu falei: Vicentinho, vamos suspender isso, e amanhã às 7h da manhã a gente vem aqui. Fomos lá, levamos um quadro-negro – podia ser um quadro-branco, se tivesse giz negro – e falamos: “companheiros...” Vamos pegar um de vocês aqui como exemplo. Medeiros, venha aqui na frente. Quanto você está reivindicando? “Tanto”. Quando você ganha? “Tanto”. Então você vai ter 10% de aumento, o que vai significar tanto. Significa que você vai ganhar tanto até setembro. Eles concordavam. Colocava de um lado do quadro-negro. Agora vamos ver o outro lado. Você está em greve há 29 dias? “Estou”. Você sabe que já perdeu 30 dias? “Sei”. Quanto é 30 dias do seu salário? Você sabe que já perdeu o 13º? “Não”. Mas já perdeu. Você sabe o que já perdeu de férias? “Não”. Colocava lá e somava. Você sabe que já perdeu o dobro do que está reivindicando?

Companheiros, a sugestão de bom senso... Eu não sou dirigente sindical, estou afastado do Sindicato, mas vim aqui dizer para vocês: pelo amor de Deus, gente. A grande conquista de vocês é voltar a trabalhar, e o empresário não descontar Fundo de Garantia, não descontar férias, pagar os dias parados. Vocês vão ganhar o dobro do que estão reivindicando. Todo mundo concordou. Tinha uma outra reivindicação: o patrão não podia mais ser chamado de nazista, porque é como eles o chamavam. Eu falei: vocês façam disso um compromisso. Fizemos o acordo, festa, todo mundo compreendeu. No dia seguinte me liga o patrão: “Está suspenso o acordo, Lula”. Por quê? “Porque eu cheguei aqui e tinha uma faixa me chamando de agente do nazismo”. Toca voltar para a porta da fábrica e negociar.

Estou contando esse caso porque vocês já passaram por isso. No meu Sindicato teve um momento em que a gente recusou um acordo de 14%,



fizemos uma greve de 15 dias e, depois de 15 dias aceitamos os 14% e a peãozada gastou tudo pagando cerveja para nós, tal era a alegria.

Eu penso que essa habilidade... Acho que o movimento sindical hoje... De vez em quando eu vejo notícias: “o movimento sindical no tempo do Lula era mais forte”. Não é verdade. O movimento sindical, naquele tempo, era de outro tipo porque a gente trabalhava muito com a emoção. A gente não tinha muita organização, era muito mais emoção, era muito mais enfrentamento político na porta de fábrica. Hoje não. Hoje você vai a sindicatos pelo país, eles estão tão organizados, que nem precisam convocar assembléia para decretar greve. A comissão de fábrica decreta a greve. Eu ficava um mês me esgoelando na porta de fábrica, xingando todo mundo. Depois que você xinga é difícil, porque vai conversar e o cara fala: ‘não, você me xingou’.

Eu penso que vocês tiveram uma evolução extraordinária. Hoje vocês vivem num mundo muito mais fácil para fazer sindicalismo, com um agravante. Eu comecei dizendo que a minha geração não tinha tido nenhuma conquista de aumento de salário. Vocês pertencem à geração que já conquistou e que pode conquistar muito mais. Não existe, na história do sindicalismo universal, momento de crise em que o trabalhador ganhe. Em momentos de crise, o trabalhador coloca o rabinho no meio das pernas e fica pedindo a Deus para não ser mandado embora. A hora de brigar é esta. A economia está crescendo, as empresas estão crescendo, e esta é a hora de brigar, de reivindicar.

Eu disse, Paulinho, naquele encontro com os dirigentes sindicais: não me peçam para fazer medida provisória reduzindo a jornada de trabalho. Essas coisas, também, é importante aprender a conquistar, porque é importante politizar a sociedade. Eu acho que os dirigentes sindicais já devem estar fazendo isso. Na porta das fábricas, tem que pegar assinaturas, fazer um projeto de lei de iniciativa popular, e dar entrada no Congresso Nacional. Depois, os próprios trabalhadores que assinaram, se sentem moralmente comprometidos a irem ao Congresso Nacional conversar com os deputados,



pedir para eles.

Para terminar, quero dizer o seguinte: eu estou convencido de que nós vamos avançar muito mais nesses dois anos. Penso que se a gente continuar com essa relação, levantando os problemas, discutindo, e criar as condições, Paulinho... O problema é criar as condições.

O jogo político é complicado. Não basta ter maioria ou ter razão. É preciso que se tenha sempre a capacidade de convencer. Às vezes um companheiro está bronqueado porque nos encontrou em um lugar e a gente não falou “bom dia” ou “boa tarde”. A gente não viu e ele acha que a gente está... É um jogo. Isso é como um casamento. Você é casado e sabe: todo santo dia você tem que tentar ganhar a sua mulher, todo dia. É uma sobrevivência. Vocês sabem que, nessa dança, o homem é a parte mais frágil. Quem é do Pará aqui? A dança do carimbó é um pouco isso, é a dança da conquista.

Penso que, se a gente continuar fazendo essas danças harmoniosas, sem submissão, mas com autonomia, que eu acho que vocês têm que ter... e não abram mão dela. Jamais vou pedir, em nome da minha amizade com algum de vocês: não reivindicuem isso porque vai prejudicar o governo. Não vou. Mas, quando for necessário, vou argumentar da inconveniência ou não de um gesto.

Se a gente fizer isso, as chances de evoluirmos são muito grandes. Se Deus quiser, Paulinho, Eleno, Grana e companheiros... temos que preparar a caminhada para 2010 no momento certo. Eu estou convencido, tenho dito isso, de que temos condições de fazer a nossa sucessão, em nome de tudo o que já fizemos e em nome de tudo o que vamos fazer até 2010. Vão acontecer muito mais coisas e, portanto, vai haver muito mais melhorias na vida do povo trabalhador deste país.

Quero, companheiro Eleno, lhe dar os parabéns pelo encontro. O companheiro Juruna insistiu para que eu estivesse aqui presente, para eu



arrumar um horário na agenda. Quero agradecer a cada um de vocês e dizer o seguinte: nós temos muito trabalho pela frente, a adversidade está aí à nossa porta, as coisas não acontecem com facilidade. O que está acontecendo com o Paulinho já aconteceu com outros. A única coisa que eu peço para todo mundo: na hora em que a dificuldade entrar pela nossa porta, não joguemos a nossa dignidade pela janela. O direito de andar de cabeça erguida é uma coisa que não tem preço, e nós conquistamos isso. Eu me lembro, em 1978, quando falei: nunca mais ousem duvidar da capacidade da classe trabalhadora brasileira.

Eu vivo, meu caro Jorginho, 24 horas do dia tentando provar que sou mais capaz do que eles. Todo santo dia. Por quê? Porque qualquer um que for presidente neste país e der errado, não acontece nada. Volta para a universidade, vai dar curso não sei onde, vai para qualquer lugar. No meu caso, se não desse certo, iria levar 500 anos para o trabalhador pensar em ser presidente da República deste país. Então, eu trabalho todo santo dia, não com a idéia de ser melhor do que quem quer que seja. Mas trabalho todo santo dia para, quando a gente for fazer o balanço final, poder comparar com 500 anos de história e saber quais os momentos que a classe trabalhadora conquistou. Aí, sim, ela vai começar a balizar melhor as suas referências. Estou certo de que todos nós estamos aprendendo muito com o momento que estamos vivendo.

Meu caro Eleno, parabéns, boa sorte neste encontro. Medeiros, Paulinho, Grana, Lupi, boa sorte. Todos vocês, companheiros, saibam do seguinte: vocês têm mais do que um presidente da República no Palácio do Planalto. Vocês têm lá um companheiro, e companheiro é coisa séria porque é a gente que escolhe.

Um abraço e boa sorte.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
